



José Marcos da
Silva, diretor de
capital humano

JORNAL CORREIO
BRAZILIENSE
CADERNO
TRABALHO &
FORMAÇÃO
PROFISSIONAL

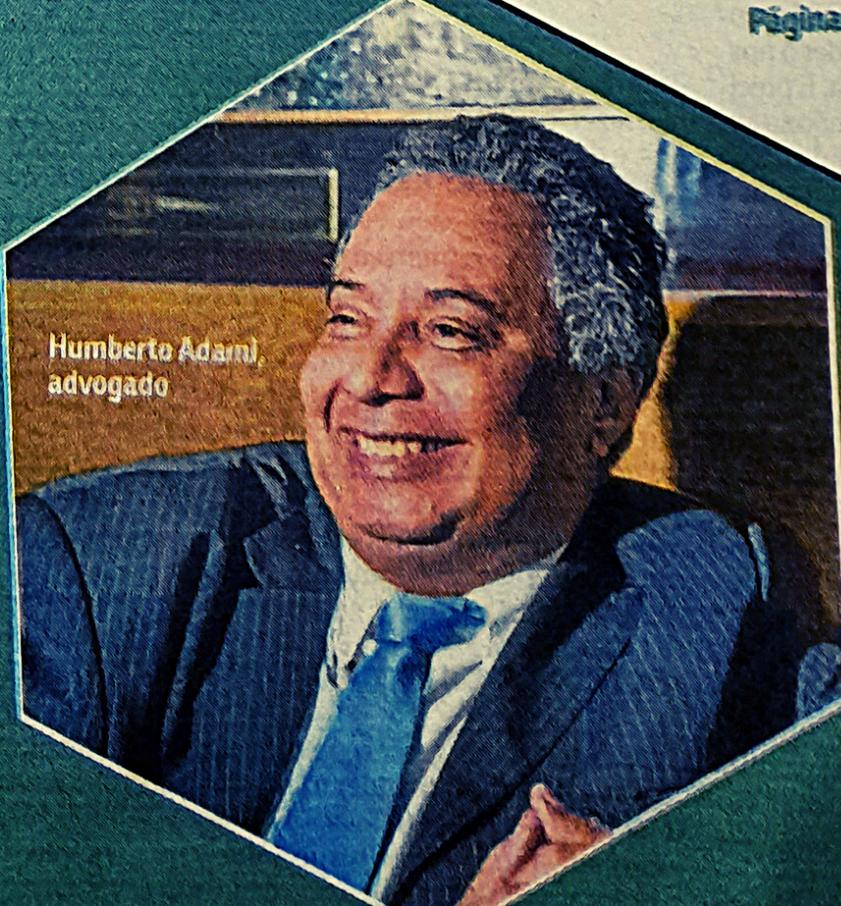


Janaína Almeida,
professora

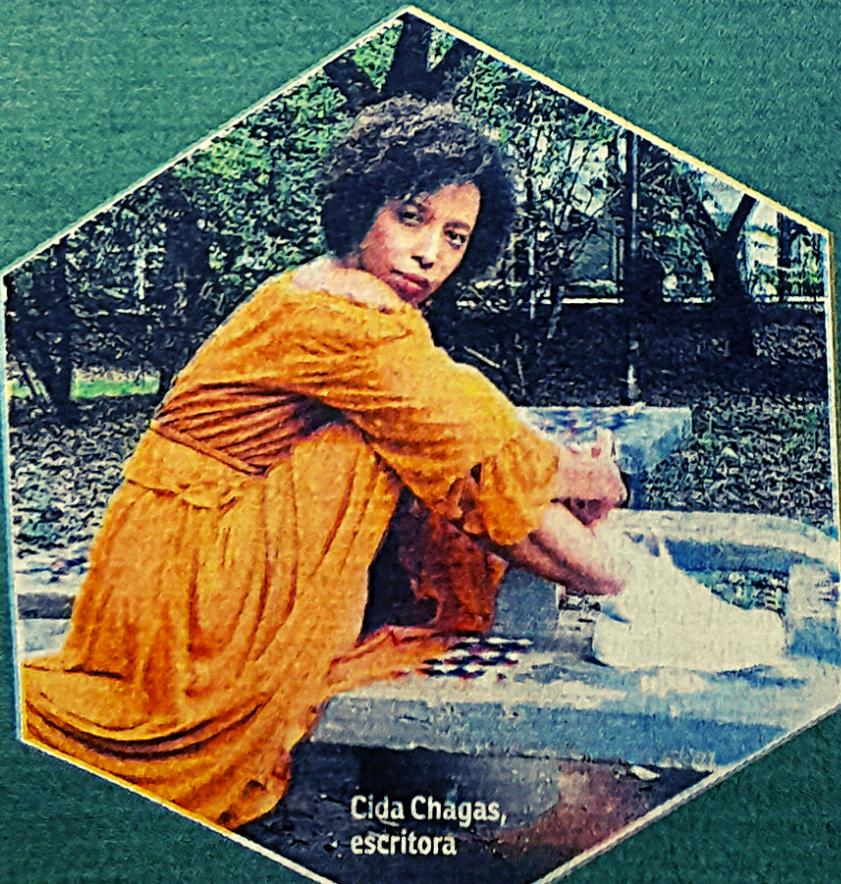
Como ser antirracista ?

A luta contra a
discriminação não cabe nem deve
caber apenas aos negros. Todos os
trabalhadores podem abraçar
essa causa para que haja mais
instituições inclusivas. Há
profissionais que fazem da
própria carreira um instrumento
de busca por igualdade racial

Páginas 2 a 7



Humberto Adami,
advogado



Cida Chagas,
escritora

Escritora pela igualdade

Em 2018, mais de 75% das vítimas de homicídios no Brasil eram negras, com uma taxa 37,8% contra 13,9% entre não negros (soma de brancos, amarelos e indígenas), segundo o Atlas da Violência, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

No Brasil, o racismo mata. “Conversamos com as crianças sobre não assistir a alguns filmes ou desenhos porque são violentos, quando, na verdade, a violência está aqui. A desigualdade e a ignorância humana estão presentes nas nossas vidas de forma real”, diz a escritora, pedagoga, mestra em educação e doutora em sociologia Cida Chagas, 46 anos.

Recentemente ela publicou a obra *Guia para mães e pais lutarem contra o racismo, pela igualdade e justiça*, uma tradução e adaptação à realidade brasileira da obra da empresa de babysitting Yoo-pies, do Reino Unido. O objetivo é ajudar famílias a conversarem com crianças e adolescentes sobre o racismo e orientá-los a como apoiar essa luta.

“O que mais me motivou é o que eu tenho em casa. Meu caçula vai fazer 10 anos, a menina tem 13 anos e o mais velho tem 15. A discussão racial sempre foi muito presente na minha casa porque sou uma mãe preta e eles têm um pai branco. Então, você pode imaginar que tenha certos olhares”, relata.

“Trazer esse guia é uma oportunidade de tentar tocar o coração de mães e pais. É importante conversarmos com nossos filhos para criar uma geração que entende o que é respeito, discute

problemas sociais e busca transformações”, diz.

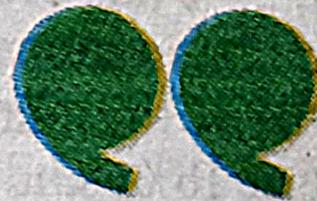
Trajectoria

Campo-grandense, Cida começou a trabalhar aos 13 anos como office girl no Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana do Mato Grosso do Sul. No órgão, conheceu grandes mentores. “Tive a sorte e o privilégio de me aproximar de pessoas que me orientaram e me deram a mão. Pude conviver com mulheres negras que apostaram em mim”, diz.

Da maior influenciadora, Cida nunca esqueceu: a professora, advogada e ativista de direitos humanos Raimunda Luzia de Brito. “Ela estava sempre ali para dar alguma orientação e puxar a orelha. Se eu tivesse que colocar a foto de alguém na parede, seria dela”, diz. A escritora também se inspirou em uma tia que era professora.

“Ela era nossa referência. Era a pessoa que conseguiu um diploma e uma profissão diferente das outras tias e da minha mãe, que era empregada doméstica”, conta. Com esse estímulo, Cida passou no primeiro vestibular que fez e concluiu o curso de pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Em 1998, passou em concurso público para assessora técnica no Decanato de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (UnB), onde concluiu o mestrado em educação e o doutorado em sociologia e onde continua trabalhando. No Distrito Federal, Cida construiu uma família e iniciou a carreira de escritora.



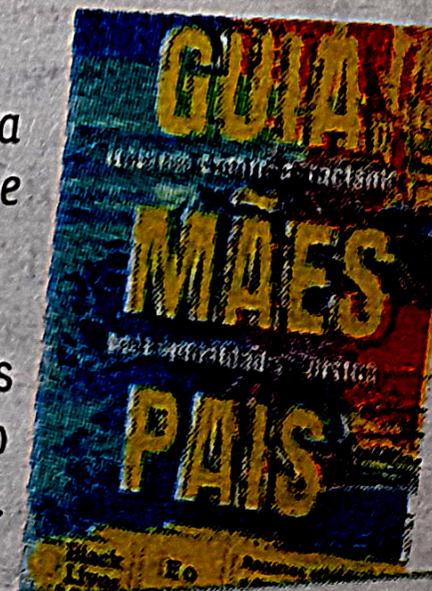
É importante conversamos com nossos filhos para criar uma geração que entende o que é respeito, discute problemas sociais e busca transformações”

Cida Chagas, pedagoga, autora, mestra em educação e doutora em sociologia



Leia

Baixe o e-book *Guia para mães e pais lutarem contra o racismo, pela igualdade e justiça* no site: bit.ly/guiaparamaesepais. Saiba mais e confira outros livros infantis da autora no site www.cidachagas.com.



Cida Chagas/Reprodução